

SAYAKA MURATA

# QUERIDA KONBINI

Tradução do japonês  
Rita Kohl

2ª edição



Estação Liberdade

Título original: *Konbini Ningen* (コンビニ人間)

© Sayaka Murata, 2016.

Todos os direitos reservados.

© Editora Estação Liberdade, 2018 e 2019, para esta tradução.

Edição original japonesa publicada por Bungeishunju Ltd., Japão.

Direitos para tradução em língua portuguesa acordados com a Bungeishunju Ltd. através da Japan UNI Agency, Inc. e Seibel Publishing Services Ltd.

PREPARAÇÃO Fábio Fujita

REVISÃO Arlete Sousa, Tomoe Moroizumi e Gabriel Joppert

SUPERVISÃO EDITORIAL Letícia Howes

EDIÇÃO DE ARTE Miguel Simon

PRODUÇÃO Edilberto F. Verza

DIREÇÃO EDITORIAL Angel Bojadsen



A EDIÇÃO DESTA OBRA CONTOU COM SUBSÍDIO DO PROGRAMA  
DE APOIO À TRADUÇÃO E PUBLICAÇÃO DA FUNDAÇÃO JAPÃO

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

M947q

2. ed.

Murata, Sayaka, 1979-

Querida konbini / Sayaka Murata ; tradução do japonês Rita Kohl. - 2. ed. - São Paulo :  
Estação Liberdade, 2019.

152 p. ; 21 cm.

Tradução de: Konbini Ningen

ISBN 978-85-7448-295-8

19-56620

CDD: 895.63

CDU: 82-31(52)

---

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

23/04/2019 24/04/2019

Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

EDITORA ESTAÇÃO LIBERDADE LTDA.

Rua Dona Elisa, 116 — Barra Funda — 01155-030

São Paulo – SP — Tel.: (11) 3660 3180

[www.estacaoliberalidade.com.br](http://www.estacaoliberalidade.com.br)

コンビニ人間



A konbini — a loja de conveniência — é repleta de sons. O sino que toca quando um cliente entra e a voz de uma atriz famosa anunciando novos produtos na rede interna de rádio. Os cumprimentos dos funcionários e o apito do leitor de códigos de barras. Um produto que cai na cesta de compras, a mão que aperta uma embalagem plástica, os saltos dos sapatos caminhando pela loja. Tudo isso forma o “som da konbini”, que agita meus tímpanos incessantemente.

Alguém pega uma garrafa da geladeira e, com um pequeno ruído — *krrrr* —, a esteira põe outra garrafa no lugar. Levanto o rosto. Geralmente, os clientes pegam as bebidas geladas por último e se dirigem ao caixa, então meu corpo reage sozinho ao ouvir esse som. A cliente que pegou uma água mineral gelada ainda não foi para o caixa, está escolhendo uma sobremesa. Volto a baixar o olhar para as minhas mãos. Enquanto capto os incontáveis sons espalhados pela loja de conveniência e registro suas informações, meu corpo organiza na prateleira os oniguiris<sup>1</sup> que acabaram de ser entregues. Eles são os itens mais vendidos durante esta parte da manhã,

---

1. Bolinho triangular feito de arroz branco japonês, contendo uma pequena porção de peixe, picles ou outros recheios, envolto em uma folha de alga *nori*. [N.T.]

junto com sanduíches e saladas. Do outro lado da loja, outra funcionária temporária, Sugawara, inspeciona os produtos com um pequeno escâner. Sigo organizando metodicamente os oniguiris assépticos, preparados por máquinas. No centro, coloco duas fileiras do lançamento desta estação, recheado de ovas e queijo. Depois, duas fileiras dos de atum com maionese, os mais populares da casa, e, na extremidade, os de flocos de peixe bonito, que não vendem muito. Praticamente não uso a cabeça. Nessa função, o mais importante é a velocidade, e meus músculos apenas obedecem às regras já gravadas dentro de mim.

Ouçõ um leve ruído de moedas — *tlim!* — e meus olhos se voltam em direção ao caixa. Sou bastante sensível a esse som, pois quando os clientes tilintam moedas, na palma da mão ou no bolso, em geral é um sinal de que estão com pressa e só querem comprar rapidamente um cigarro ou um jornal. De fato, um homem caminhava em direção ao caixa, com uma mão no bolso e a outra segurando um café em lata. Atravesso a konbini num instante, deslizo para a área do caixa e o cumprimento antes que ele precise esperar.

— *Irasshaimasê*, bom dia!

Com um cumprimento discreto, recebo a lata de café que ele entrega.

— Vê para mim um maço do cigarro número 5, também.

— Pois não.

Pego imediatamente um Marlboro Light Mentol, exposto na prateleira com o número 5, e escaneio seu código de barras.

— Por gentileza, confirme sua idade na tela.

Enquanto o homem toca a tela para assegurar que é maior de idade, noto que seus olhos se movem para a vitrine de fast-food e interrompo meus gestos. Uma opção neste momento seria perguntar se ele deseja mais alguma coisa, mas quando um cliente está considerando se compra ou não algum produto, prefiro aguardar sua decisão.

— E uma salsicha empanada.

— Pois não, senhor, só um instante.

Esterilizo as mãos com álcool, abro a vitrine e embrulho uma salsicha empanada.

— Coloco a bebida gelada e o lanche quente em sacolas separadas, senhor?

— Não, não. Pode botar tudo junto.

Sem demora, acondiciono o café em lata, os cigarros e o salgado em uma sacola plástica tamanho P. O homem, que mexia nas moedas dentro do bolso, parece se lembrar de alguma coisa e leva a mão ao bolso da camisa. Por esse gesto, já concluo que ele irá pagar com cartão.

— Vou pagar com o cartão Suica.

— Claro. Encoste o cartão no leitor, por gentileza.

Meu corpo se move por reflexo, lendo cada pequeno movimento e olhar dos clientes. Meus olhos e ouvidos são

sensores indispensáveis para assimilar cada gesto e cada intenção. Ajo de acordo com as informações captadas, sem hesitar, sempre tomando cuidado para não encarar demais o cliente e deixá-lo desconfortável.

— Seu recibo. Volte sempre!

O homem pega o recibo com um breve aceno de cabeça e sai da loja.

— *Irasshaimasê!* Bom dia, desculpe a demora!

Cumprimento a cliente seguinte, que aguardava na fila. Sinto a manhã fluindo normalmente dentro da pequena caixa iluminada que é a loja.

Do lado de fora dos vidros perfeitamente polidos, sem uma única marca de dedo, vejo as pessoas caminhando às pressas. Mais um dia começa. É a hora em que o mundo desperta e todas as suas engrenagens se põem a girar. Também estou em movimento, como uma dessas engrenagens. Sou uma peça no mecanismo do mundo, rodando dentro da manhã.

Estou prestes a voltar à organização dos oniguiris quando Izumi, a líder dos funcionários temporários, me chama.

— Furukura, há notas de cinco mil aí no caixa?

— Só duas.

— Puxa, que coisa! Hoje todo mundo resolveu usar notas de dez mil... Talvez seja melhor eu ir trocar dinheiro, depois que o pico da manhã acalmar e as entregas acabarem.

— Seria ótimo!



Ultimamente está faltando mão de obra durante a noite, então o gerente tem vindo no turno da madrugada. Durante o dia é Izumi quem cuida da loja, como se fosse uma empregada efetiva da empresa. Ela é uma mulher da minha idade que trabalha como temporária para complementar a renda do marido.

— Então acho que vou ao banco lá pelas dez! Ah, mais uma coisa. Hoje vai chegar uma encomenda de *inari sushi*, atenda o cliente quando ele vier retirar, por favor.

— Pode deixar!

Olho o relógio. São nove e meia. Em breve a hora mais movimentada da manhã vai terminar. Será o momento de organizar rapidamente os produtos que acabaram de chegar e preparar a konbini para o horário de pico do almoço.

Não me lembro com clareza de como era minha vida antes de eu *renascer* como funcionária da loja de conveniência.

Nasci em uma família comum, numa área residencial dos subúrbios, e cresci cercada de amor como qualquer criança. Porém, as pessoas costumavam me achar estranha.

Certa vez, por exemplo, quando estava no jardim de infância, encontramos um passarinho morto no parque. Era um lindo pássaro azul, provavelmente fugido de alguma gaiola, e estava caído no chão com o pescoço retorcido. As outras crianças choravam ao seu redor. Enquanto uma menina murmurava “Oh, e agora, o que

vamos fazer?”, eu rapidamente peguei o passarinho do chão e o levei até minha mãe, que estava de conversa, sentada em um banco.

— O que foi, Keiko? Puxa, um passarinho! De onde será que ele veio? Coitadinho... Vamos fazer uma sepultura para o senhor passarinho, Keiko? — disse ela com voz gentil, afagando minha cabeça.

— Vamos comer isto aqui! — eu disse.

— Quê?

— Vamos levar para casa e comer hoje à noite. Podemos fazer espetinho, como o papai gosta — achei que ela não tinha me ouvido direito, então expliquei pronunciando claramente as palavras.

Minha mãe se encolheu assustada. A mãe de outra criança, sentada ao seu lado, também deve ter ficado em choque, pois seus olhos, narinas e boca se escancararam todos de uma vez. Era uma expressão muito engraçada e eu quase ri. Mas ao notar que ela também olhava para o passarinho na palma da minha mão, pensei que talvez um só não fosse suficiente.

— É melhor a gente pegar mais alguns? — perguntei, lançando um olhar para dois ou três pardais que ciscavam ali por perto.

— Keiko! — minha mãe voltou a si e me censurou com um grito nervoso. — Temos que fazer uma sepultura para o pobrezinho. Olha só, todo mundo está chorando, estão todos tristes porque o amiguinho morreu. Que peninha dele, não é?

— Mas por quê? Ele já morreu, mesmo! É melhor aproveitarmos.

Minha mãe ficou sem palavras.

Na minha mente eu via meu pai, minha mãe e minha irmã, que ainda era pequena, comendo alegremente o passarinho. Meu pai gostava de espetinho, eu e minha mãe gostávamos de frango frito... Havia tantos passarinhos naquele parque, a gente podia levar um monte! Eu não entendia o propósito de enterrar o bicho em vez de o comermos.

— Olha só, Keiko, ele é tão pequeno e bonitinho! Vamos fazer uma sepultura para ele e enfeitar com flores, tá? — insistiu minha mãe.

No fim das contas, foi isso o que aconteceu, mas para mim não fazia sentido algum.

— Coitado do passarinho, que judiação! — repetiam todos, aos prantos, enquanto matavam flores partindo seus caules.

— Que flores lindas, o passarinho vai ficar muito contente!

Para mim, pareciam loucos.

Abriram um buraco no chão de um canteiro cercado, onde uma placa indicava “Não pise a grama”, enterraram o passarinho, fizeram uma lápide improvisada com palitos de sorvete tirados de uma lata de lixo e empilharam os cadáveres das flores por cima da cova.

— Olha só, Keiko, que triste! Coitadinho dele, não é? — sussurrava minha mãe, tentando me convencer. Eu continuava achando aquilo incompreensível.

Esse tipo de coisa aconteceu muitas vezes. Certo dia, pouco depois de eu começar a escola primária, dois meninos se engalfinharam em uma briga, criando um grande tumulto.

— Chamem a professora!

— Alguém precisa parar esses dois! — exclamaram os colegas.

*Ok, temos que fazê-los pararem*, pensei. Então abri o armário de ferramentas ao meu lado, peguei uma pá, corri até os meninos que brigavam e bati com a pá na cabeça de um deles.

O garoto levou as mãos à cabeça e desabou no chão, enquanto gritos desesperados soaram ao meu redor. Ao ver que ele estava imóvel, ainda com as mãos na cabeça, ergui novamente a pá na direção do outro menino, para que ele também parasse de se mover.

— Não, Keiko! Não faz isso! — berraram, chorando, as outras meninas.

Os professores chegaram correndo e, ao se depararem com aquela cena, me exigiram uma explicação.

— Disseram que alguém tinha que parar os meninos, então fiz isso do jeito que me pareceu mais rápido.

Os professores ficaram desorientados e balbuciararam alguma coisa sobre como era feio bater nos colegas.

— Mas todo mundo falou que era preciso pará-los! Pensei que, assim, Yamazaki e Aoki parariam. Só isso.

Expliquei direitinho e não entendi por que eles estavam tão bravos, mas no fim minha mãe foi chamada para uma reunião extraordinária de professores.

Ao ver que ela se curvava e pedia desculpas para todos, com uma expressão consternada, percebi que eu havia feito alguma coisa errada, mas não sabia o quê.

A mesma coisa aconteceu quando, no meio de uma aula, a professora teve uma crise histérica, começou a gritar e bater uma pasta contra a mesa, e a turma toda desandou em prantos.

— Desculpa, professora!

— Para com isso, professora!

Vi que não estava adiantando, por mais que todos implorassem para que ela parasse, então achei melhor fazê-la se calar. Fui até sua mesa e puxei até o chão, num só gesto, sua saia e sua calcinha. A jovem professora ficou atônita, parou com os gritos e começou a chorar silenciosamente.

O professor da sala ao lado veio correndo e perguntou o que havia acontecido. Quando expliquei que tinha visto num filme uma cena em que tiravam a roupa de uma mulher e ela ficava quieta, isso resultou em mais uma reunião extraordinária de professores.

No caminho para casa, depois dessa reunião, minha mãe murmurou desanimada “por que será que você não entende essas coisas, Keiko?”, e me abraçou. Pelo jeito, outra vez eu tinha feito algo errado, mas não entendia a razão.

Não era minha intenção deixar meu pai e minha mãe confusos ou aflitos, nem obrigá-los a se desculpar para várias pessoas, então decidi que, fora de casa, falaria o

mínimo possível. Resolvi deixar de fazer qualquer coisa por iniciativa própria e apenas imitar o que todo mundo fazia, ou obedecer às ordens de alguém.

Quando parei de falar o que quer que fosse além do estritamente necessário e de agir de forma espontânea, os adultos pareceram aliviados.

Nos últimos anos do primário, o próprio fato de eu ser tão quieta começou a se tornar um problema, porém ficar calada continuava sendo a melhor opção, a solução mais racional para que eu pudesse levar a vida. Assim, por mais que os professores escrevessem em meu boletim coisas como “tente fazer mais amigos e brincar lá fora, se divirta um pouco!”, eu permanecia firme no meu plano de não dizer nada que não fosse imprescindível.

Em oposição, minha irmã, dois anos mais nova, era uma criança “normal”. Apesar disso, ela não me evitava e chegava até a me admirar. Às vezes, quando minha mãe estava dando uma bronca nela — por algum motivo ordinário, diferente do que acontecia comigo —, eu me aproximava e perguntava à minha mãe por que ela estava brava. Essas minhas perguntas geralmente interrompiam os sermões e minha irmã me agradecia, pensando que eu fizera isso para defendê-la. Além disso, ela vivia atrás de mim porque, como nunca tive muito interesse em doces ou brinquedos, costumava dar os meus a ela.

Minha família me amava e se importava comigo. Justamente por isso, viviam preocupados.

— O que será que a gente precisa fazer para “curar” Keiko?

Lembro-me de ouvir meus pais conversando sobre isso e perceber que, aparentemente, havia algo em mim que precisava ser corrigido. Certa vez, me levaram de carro para ver um terapeuta, longe de casa. A primeira hipótese que ele levantou foi que houvesse algum problema na família. Mas meu pai era um bancário tranquilo e dedicado, minha mãe, carinhosa, apesar de um pouco tímida, e minha irmã era bastante apegada a mim. No fim das contas, meus pais saíram apenas com a recomendação inútil de me tratar com muito afeto e manter o caso em observação. De todo modo, continuaram me amando e cuidando bem de mim.

Não fiz amigos na escola, mas também não cheguei a sofrer *bullying*, e consegui passar pelo primário e pelo ginásial sem dizer mais nada indevido.

Continuei assim mesmo depois de me formar no ensino médio e entrar na faculdade. Passava praticamente todo meu tempo livre sozinha e quase não tinha conversas particulares. Meus pais se preocupavam comigo, pois ainda que eu não causasse mais tumultos como os do começo do primário, decerto acreditavam que eu não conseguiria me inserir na sociedade daquele jeito. Assim, sempre pensando que precisava me curar, fui me tornando adulta.

A filial da konbini Smile Mart da estação de Hiiromachi foi inaugurada no dia 1º de maio de 1998, quando eu estava no primeiro ano da faculdade.

Lembro-me muito bem do dia em que encontrei essa loja, antes mesmo de sua inauguração. Recém-ingressada na faculdade, eu estava voltando de uma peça de teatro nô a que fora assistir como atividade extracurricular. Voltava sozinha, já que não tinha amigos, e devia ter errado alguma rua, pois de repente me vi perdida em um bairro empresarial desconhecido.

Quando dei por mim, não havia uma vivalma ao meu redor. As ruas, cheias de belos prédios brancos, tinham um ar artificial como se tivessem saído diretamente de uma maquete arquitetônica.

Parecia uma cidade fantasma, um mundo só de edifícios. Naquela tarde de domingo, eu era a única pessoa ali.

Tive a impressão de que eu havia ido parar em um universo paralelo e apressei o passo em busca de uma estação. Finalmente, enxerguei ao longe uma placa com o símbolo do metrô e corri em sua direção. Ao chegar lá, me deparei com um edifício comercial todo branco, cujo andar térreo era um grande aquário transparente.

Não havia nenhum letreiro nesse aquário, apenas um pôster grudado no vidro transparente: “Em breve, inauguração da Smile Mart da estação de Hiiromachi! Estamos contratando!” Espiei lá dentro. Ainda estava em obras, com lonas cobrindo partes das paredes. Havia apenas algumas estantes vazias enfileiradas no



centro da sala. Achei inacreditável que esse lugar tão completamente deserto pudesse se transformar em uma konbini.

O dinheiro que eu recebia de casa era suficiente para me manter, mas a ideia de ter um trabalho de meio período me atraía. Anotei o telefone informado no pôster antes de voltar para casa e liguei no dia seguinte. Fiz uma breve entrevista e já estava contratada.

O treinamento começou na semana seguinte. Fui me apresentar no horário indicado e encontrei o local com um aspecto mais parecido ao de loja de conveniência do que antes. As prateleiras de artigos não perecíveis já estavam arrumadas, com alguns produtos devidamente dispostos, como itens de papelaria ou lenços de pano.

Dentro da konbini estavam reunidos os outros empregados temporários, contratados por hora como eu. Eram cerca de quinze pessoas, com roupas e idades diversas — outras meninas estudantes, jovens com pinta de desempregados, mulheres um pouco mais velhas com jeito de donas de casa —, perambulando desconfortáveis pela loja.

Finalmente, o instrutor chegou e distribuiu uniformes para todos. Nós os vestimos e nos arrumamos de acordo com o pôster que indicava os padrões de vestimenta. As mulheres de cabelo comprido tiveram de prendê-lo, todos tiraram os relógios e acessórios, e formamos uma fila. Então, todas aquelas pessoas desconexas se tornavam, subitamente, Funcionários.

A primeira coisa que praticamos foram as expressões faciais e as frases de saudação. Diante de um pôster de uma pessoa sorrindo, todos nós erguemos os cantos da boca imitando a imagem, aprumamos a postura e, lado a lado, exclamamos um depois do outro:

— *Irasshaimasê!*

O instrutor, um encarregado efetivo enviado pela companhia, passava checando cada um e ordenando “Mais uma vez!”, quando achava que alguém tinha a voz muito baixa ou um sorriso desajeitado.

— Okamoto, não tenha vergonha, pode abrir mais esse sorriso! Aizaki, fale mais alto! Ok, mais uma vez! Muito bem, Furukura, muito bem! É isso, é exatamente esse o entusiasmo que queremos!

Eu imitava com grande facilidade o vídeo de treinamento a que assistimos na sala dos fundos, ou os gestos que o instrutor nos mostrava. Até então, ninguém jamais havia feito essa gentileza de me explicar claramente: “Este é o jeito normal de sorrir, este é o jeito normal de falar.”

Durante as duas semanas até a inauguração da loja, continuamos praticando à exaustão, trabalhando em duplas ou com o instrutor e atendendo clientes imaginários. Sorrir olhando nos olhos dos Senhores Clientes, embrulhar os absorventes higiênicos em pequenas sacolas de papel, separar produtos quentes e gelados em sacolas diferentes, esterilizar as mãos com álcool gel antes de pegar os produtos da vitrine de fast-food... Eu me sentia

um pouco como uma criança brincando de lojinha, pois, apesar de haver dinheiro de verdade dentro do caixa para nos acostumarmos com seu manuseio, só atendíamos colegas de uniforme e os recibos eram todos marcados com letras grandes dizendo “treinamento”.

Estudantes universitários, garotos que tocavam em bandas, desempregados, donas de casa, alunos do ensino médio noturno. Era divertido assistir enquanto aqueles perfis tão variados vestiam o mesmo uniforme e se tornavam criaturas todas iguais, todos Funcionários. No final de cada dia de treinamento, tiravam o uniforme e voltavam ao estado anterior. Nessa hora, pareciam estar despindo uma criatura e vestindo outra.

Depois de duas semanas de treinamento, enfim chegou o dia da inauguração. Na ocasião, eu estava na konbini desde a manhã. As prateleiras, antes brancas e vazias, agora transbordavam de produtos, enfileirados lado a lado pelos empregados efetivos da rede, todos com uma expressão um tanto artificial.

Tinha chegado a hora, e o encarregado da companhia abriu a porta. *Agora é para valer*, pensei. Não eram mais os clientes hipotéticos que imaginara durante o treinamento, mas clientes de verdade. Eles eram muito diversificados. Como a konbini ficava em um bairro empresarial, eu sempre imaginava apenas clientes de terno ou de uniforme, mas as primeiras pessoas que entraram na loja pareciam ser moradores da região, trazendo nas mãos cupons de desconto que havíamos distribuído pelas

ruas. Quem estava na frente era uma senhora de idade. Observei atônita enquanto ela entrava com sua bengala, seguida por uma multidão de clientes, todos trazendo nas mãos os cupons para oniguiris ou bentôs.<sup>2</sup>

— Vamos lá, Furukura, cumprimente os clientes! — encorajou o responsável, me trazendo de volta à realidade.

— *Irasshaimasê!* Hoje temos promoções de inauguração! Aproveitem!

Os anúncios que eu gritava ecoavam de maneira completamente diferente agora que a konbini estava de fato repleta de Senhores Clientes.

Eu não esperava que fossem criaturas tão barulhentas. O eco dos passos, as vozes, o som dos pacotes de salgadinhos lançados dentro das cestas, a porta das geladeiras abrindo e fechando. Fiquei impressionada com o nível de ruído que eles provocavam, mas não me dei por vencida e segui gritando “*irasshaimasê*”.

As pilhas de comidas e doces, arranjadas com tanta precisão que pareciam de mentira, ruíram num instante nas mãos dos Senhores Clientes. Com esses manuseios, a loja ia perdendo seu aspecto artificial e ganhava vida.

A elegante senhora de idade, a primeira pessoa a pisar a konbini, foi também a primeira a se aproximar do caixa para pagar suas compras.

---

2. Espécie de “marmita pronta”, muito comercializada em lojas de conveniência japonesas, para refeição rápida. [N.T.]

Em pé do lado de dentro do balcão, eu repassava na memória o conteúdo do manual. A senhora pôs sua cesta sobre o balcão, contendo um pão doce, um sanduíche e alguns oniguiris.

Sua chegada fez com que todos os funcionários atrás do balcão aprumassem ainda mais a postura. Sentindo o olhar do encarregado sobre mim, sorri para a cliente e a cumprimentei conforme havíamos praticado durante o treinamento.

— *Irasshaimasê!*

Enunciei exatamente no mesmo tom de voz do vídeo a que havia assistido. Peguei a cesta e comecei a passar os códigos de barras pelo leitor, como fizera durante o treinamento. O encarregado me acompanhava, por eu ser iniciante, e ia colocando rapidamente os produtos em uma sacola.

— A que horas vocês abrem, de manhã? — perguntou a senhora.

— Há... Hoje abrimos às dez horas! E agora... Agora vamos ficar sempre abertos!

Eu ainda não sabia responder direito às perguntas que não estavam inclusas no treinamento. O colega ao meu lado se apressou em meu socorro:

— A partir de hoje estaremos abertos vinte e quatro horas por dia, inclusive domingos e feriados! Por favor, venha sempre que precisar!

— Caramba! Ficarão abertos a noite toda e durante a manhã também?

— Sim, senhora! — confirmei.

— Que maravilha! — sorriu ela. — Como vocês podem ver, tenho as costas ruins e caminho com dificuldade, então é muito custoso ir até o mercado...

— Estaremos abertos vinte e quatro horas por dia. Por favor, venha sempre que precisar! — repeti com exatidão as palavras do encarregado.

— Deve ser bem puxado para vocês, estão de parabéns!

— Muito obrigada!

Fiz uma mesura entusiasmada, junto com o encarregado ao meu lado.

— Até logo! — A senhora se afastou sorridente.

O encarregado, que lhe entregara a sacola, exclamou satisfeito:

— Excelente, Furukura, você foi perfeita! Estava bem calma, considerando que é sua primeira vez no caixa. Muito bom, continue assim! Ah, o próximo cliente já chegou!

Vi que outro cliente se aproximava, com uma cesta cheia de oniguiris da promoção.

— *Irasshaimasê!*

Cumprimentei com assertividade, exatamente no mesmo tom anterior, e peguei sua cesta.

Naquele momento, pela primeira vez eu fazia parte do mundo. *Acabo de nascer*, pensei. Sem dúvida, aquele dia marcou meu nascimento como uma peça no mecanismo do mundo.

Às vezes faço as contas, na calculadora, para ver quanto tempo se passou desde então. A filial de Hiromachi da Smile Mart continua de luzes acesas, sem ter fechado por um dia sequer, e assim chegamos, pela décima nona vez, ao dia 1º de maio. Passaram-se 157.800 horas desde aquela manhã. Eu cheguei aos trinta e seis anos. Como funcionária tenho dezoito anos, a mesma idade que a loja. Todos os temporários com quem fiz o treinamento já saíram, mas eu sigo firme.

Quando comecei a trabalhar na loja, minha família ficou felicíssima.

Ao anunciar que continuaria lá, mesmo depois de terminar a faculdade, eles também me apoiaram. Afinal, aquilo era um grande progresso considerando que antes eu vivia quase sem contato com o mundo.

No primeiro ano da faculdade eu trabalhava quatro vezes por semana, inclusive aos sábados. Agora, trabalho cinco dias por semana. Volto para casa, um pequeno apartamento de menos de quinze metros quadrados, e me deito sobre o futon que está sempre estendido no meio do cômodo.

Aluguei essa quitinete barata quando entrei na faculdade e saí da casa dos meus pais.

Vendo que eu continuava obstinadamente fazendo o mesmo trabalho pago por hora, na mesma loja, minha família foi ficando aflita. Mas aí já era tarde demais.

Nem eu saberia explicar por que precisava ser na loja de conveniência, por que não poderia ter um emprego